



Editorial

Hermenêuticas do Feminino: Por um esforço arqueológico e interdisciplinar para a recuperação da contribuição feminina no campo da cultura e da religião

Não é segredo que, no campo da religião, a voz da mulher não tem sido ouvida. Mais que isso, a contribuição feminina para a percepção da presença de Deus no mundo tem sido abafada. Em alguns momentos, literalmente escondida, como demonstra a descoberta de uma representação (afresco) da Santíssima Trindade, na Igreja de São Tiago Maior, Urschalling, Chiemgau, Alemanha, provavelmente do século XIV¹. Uma imagem desconcertante da Trindade que foi encontrada embaixo de camadas de pintura por ocasião da reconstrução da igreja danificada na última grande guerra mundial. A pintura, representação da Trindade que mostra no centro o Espírito Santo, faz parte de um conjunto que deve ser lido como *Biblia pauperium* (Bíblia dos pobres).

Conforme a descrição de Wodtke-Werner (1995), o grupo trinitário apresenta três figuras. A partir do mesmo busto, ramificam-se três meiocorpos separados, com cabeças distintas. A figura da esquerda, em perfil de três quartos, barbuda, com cabelos longos, castanhos claros e ondulados, é mais velha que a do meio, a mais jovem das três. Tem uma feição sem barba, marcadamente muito meiga, com lábios levantados e sobrancelhas em arco e altas. Os cabelos também castanhos claros e longos caem sobre os ombros. A

¹ Uma breve comunicação sobre esse tema encontra-se em MARIANI, C. M. C. B.; KIRCHNER, R. Espírito Santo como Caridade: feminino na Trindade? *Anais do 29º Congresso Internacional da Soter*, p. 512-518, 2016.

cabeça está um pouco inclinada para o lado esquerdo, dando a impressão que é uma figura feminina. A figura da direita é marcada por barba branca, cabelo curto com a tipificação de ser mais velha. Todas as três figuras são rodeadas por um manto branco, com forro interno vermelho. O manto tem duas mangas, das quais saem respectivamente uma mão que toca a figura do meio no decote. O gesto é apresentado de tal forma que é passada a impressão que ela pertence a ambas as figuras externas. O manto que os rodeia e os gestos das mãos acentuam o amor mútuo entre as três pessoas. Esta unidade é sublinhada também através de três traves em cruz, as quais, em cores vermelha e marrom, são divididas em três nimbos radiantes de três faces.

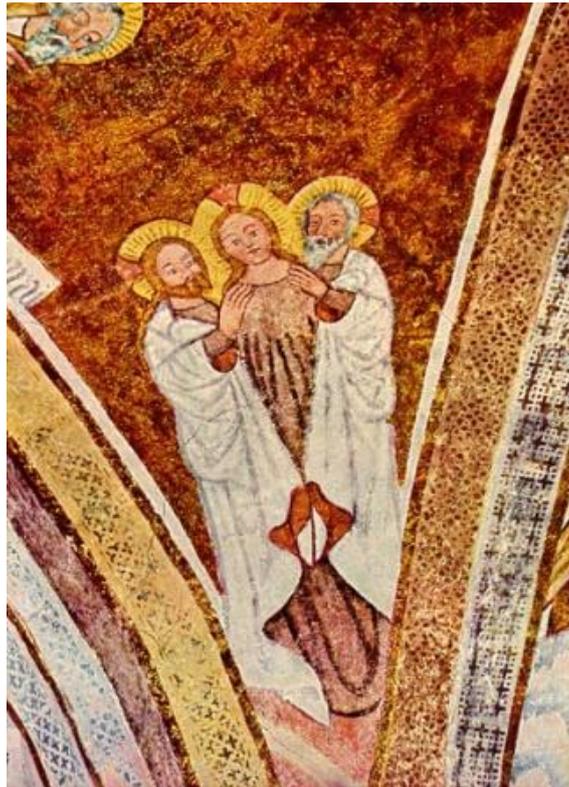
A figura do centro, que deve representar o Espírito, jovem e de feições femininas, remete à reflexão do Espírito como *Cáritas*, amor recíproco entre o Pai e o Filho. Interessante notar a originalidade da representação trinitária não apenas pelo fato do Espírito estar representado por uma figura feminina, mas pelo lugar central que ocupa.

Segundo Wodtke-Werner (1995), o olhar interessado no afresco de Urschalling dirige-se ao Espírito Santo. O sentido teológico da centralidade do Espírito Santo (lugar que, via de regra, é ocupado pelo Pai) — interpreta a autora — vem da consideração presente na tradição e é captada pela arte enquanto *Biblia pauperium*, para a qual a pessoa do Espírito simboliza a unidade na Trindade, o amor recíproco entre o Pai e o Filho, *Cáritas*, soprado pelo Pai e pelo Filho.

O pintor de Urschalling teria sido orientado inequivocamente pela figura feminina presente na Igreja. Essa figura, colocada no centro, sinaliza a presença do Espírito Santo protetor e vinculador, em meio à experiência do ser humano comum, chamado ao conhecimento das verdades essenciais da fé, através da contemplação das imagens que adornam a Igreja. Quando essa imagem teria sido coberta? O fato é que ainda hoje a Trindade assim representada causa espanto! É fato também que o acobertamento do feminino foi e continua sendo real. Conforme denuncia Johnson (1995, p. 19), embora se diga que o modo apropriado de falar sobre Deus, que é Espírito, esteja acima de qualquer identificação, no ensino e na pregação da Igreja, Deus é designado masculino e esse modo de falar sobre ele serve às múltiplas maneiras de favorecer um mundo imaginário que exclui e subordina a mulher.

A (re)descoberta de imagens como a descrita acima e reproduzida abaixo, além de questionar o tradicional modo de se referir a Deus, marcado pelo patriarcalismo, serve de inspiração para o exercício arqueológico de recuperação da contribuição feminina no campo da cultura e da religião.

Figura 1 - Die Dreifaltigkeit: Der heilige Geit als Frau – Fresko, Urschalling, Upper Bavaria, 12. Jh/12th c.



Fonte: http://www.celtoslavica.de/imago/_Urschalling.html Acesso: 22 mar. 2021.

O foco no pensamento feminino representa, como aponta Fernanda Henriques (2016), a crítica a uma racionalidade que tomou o neutro, o objetivo, o abstrato e o universal como norma do saber e do ser; uma racionalidade que reduziu o particular, o contextual, o diferente a perspectivas marginais. A valorização das diferenças deve potencializar a configuração de uma racionalidade aberta e integradora, um pensar que escute e respeite a realidade na sua profundidade abissal e na sua diversidade complexa. Por isso, pensar o feminino é uma urgência e, ao mesmo tempo, uma forma de resistência e revolução.

Um esforço deve ser feito no sentido de evitar cair no que podemos chamar de ciladas da feminilidade. Segundo Maria Rita Khel (2016), a feminilidade, que consiste na afirmação da maternidade como destino da mulher, é uma invenção dos séculos XVIII e XIX, com o objetivo de restringi-la ao espaço doméstico:

A insistência com que pensadores e cientistas afirmam que o único lugar digno para a mulher seria o lar e que sua tarefa mais valiosa seria aquela para a qual sua natureza a preparou – a maternidade – pode ser vista, hoje, como reação a um início de desordem social que se esboçou no século XVIII, quando a Revolução Francesa destruiu as fronteiras que no Antigo Regime separavam a esfera pública da vida privada (KHEL, 2016, p. 41-42).

Um ideal de feminilidade é forjado para reagir ao projeto antropológico moderno — ideal de valorização da autonomia do sujeito liberto dos grilhões da religião — que acabou por atingir as mulheres, fazendo com que começassem a sair às ruas, “organizadas ou não, com sede de participação cívica e desobediência revolucionária” (KHEL, 2016, p. 42). É notável que mesmo que o pensamento iluminista tenha influenciado as primeiras ideias feministas, os filósofos da Época das Luzes “conservaram a crença em uma natureza feminina universal, invulnerável às transformações da história, pairando acima das determinações sociais” (KHEL, 2016, p. 45). O mesmo conceito de natureza que teve um valor emancipador ao possibilitar o deslocamento do teocentrismo para o antropocentrismo, promovendo o reconhecimento da autonomia das realidades terrestres e eliminando a causa metafísica para as ações humanas. No que concerne à mulher, denuncia essa autora, “torna-se um argumento poderoso para escravizá-la às vicissitudes de seu corpo” (KHEL, 2016, p. 46).

Ao se ajustarem à feminilidade, as mulheres aceitaram se manter distantes da política e, em termos psicanalíticos, renunciaram a falar por si próprias e “durante quase todo o século XIX, deixaram de participar do que Freud chamou de ‘as grandes tarefas da cultura’, permanecendo socialmente invisíveis” (KHEL, 2016, p. 57). A mesma autora continua nestes termos:

É interessante observar que, embora o sustento material da família ainda dependesse, tradicionalmente, dos homens, o destino das mulheres estava muito mais veementemente associado ao *dever* para com os filhos – para com a

continuidade da espécie, diríamos – do que o deles. Em nome desse dever, elas foram censuradas por querer limitar o número de filhos, por não desejar se casar, por ter vida social ou profissional e mesmo por estudar. Algum estudo era permitido às mulheres setecentistas, mas a erudição (esse discurso se radicaliza no século XIX) era imperdoável (KHEL, 2016, p. 63).

Isso não significa que maternidade, casamento e cuidado com o espaço doméstico deixem de ser fundamentais para a consideração do feminino, mas que é preciso trabalhar pela devolução da voz às mulheres, retirar as tintas que procuram cobrir a participação delas na cultura e deixar vir à luz a riqueza dessa pluralidade de contribuições.

O dossiê *Hermenêuticas do feminino* pretende enriquecer o debate sobre esta temática, na medida em que envolve abordagens sob perspectivas diversas e plurais, tais como a filosófica, a teológica, a literária, a psicológica, a político-social, promovendo e incentivando a interlocução entre elas. Muitos dos trabalhos aqui apresentados são decorrentes do I Colóquio Internacional *Hermenêuticas do Feminino*, realizado nos dias 28 e 29 de janeiro de 2020, na Universidade Católica Portuguesa (UCP), em Lisboa, tendo sido organizado pelo Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião (CITER – UCP) em parceria com o Centro de Estudos de Filosofia (CEFi – UCP), com o Práxis — Centro de Filosofia, Política e Cultura (Universidade de Évora), com o Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Políticas Públicas da PUC-Paraná e com o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-Campinas.

Apresentamos, então, os artigos que compõem este dossiê, publicado como número especial pela *Pistis & Praxis*.

Como articular o percurso de emancipação da mulher da ordem patriarcal que ainda molda as sociedades contemporâneas? Será este processo apenas um caminho de assimilação igualitária dos direitos ou um exercício de diferenciação e ruptura dos papéis sociais assumidos? Em *Michel Foucault e o feminismo: algumas ferramentas conceituais*, a epistemologia foucaultiana é aplicada por Cesar Candioto na formulação desta interrogação e de algumas diretrizes de resposta, focadas especificamente nas relações interfamiliares. O essencial é identificar nelas os mecanismos de manutenção das condições de dominação, com vistas a promover dinâmicas libertadoras de conduta e

consciência crítica também em âmbitos tradicionalmente “privatizados”. A ativação das ferramentas conceituais fornecidas pela filosofia de M. Foucault ajuda assim a desenhar modalidades de viver a maternidade e a vida sexual de forma não alienada, em descontinuidade com uma passiva perpetuação da subordinação feminina.

Felipe de Queiroz Souto e Newton Aquiles von Zuben discutem no seu ensaio *Aparência e pensamento: indicativos de uma hermenêutica a partir de Hannah Arendt* alguns aspectos menos investigados da reflexão da filósofa alemã. Autora preeminente no horizonte da teoria política do século XX, no qual introduziu conceitos seminais como o de banalidade do mal e perspectivas radicalmente inovadoras sobre questões dramáticas como a origem do totalitarismo, Arendt é exímia também no campo da investigação gnosiológica das relações entre pensamento e juízo, conhecimento e ação. Originalidade e consistência desta seção da obra arendtiana são ilustradas pelos dois autores, que pretendem evidenciar o descolamento do discurso desta pensadora profundamente anticonvencional do *mainstream* filosófico da sua época.

Legitimar o estatuto epistemológico autônomo da fenomenologia na senda da reflexão filosófica de Michel Henry é o objetivo principal do ensaio de Ana Paula Rosendo, *Poder do corpo e filosofia de gênero na obra de Michel Henry*. Neste quadro fenomenológico, a dialética própria do binômio feminino/masculino deve ser articulada na perspectiva transcendental dos poderes do eu como um corpo. A consciência do sujeito, assim como a sua funcionalização na rede das relações sociais e de gênero, configura-se na determinação do que como corpo é possível e impossível, é permitido e proibido fazer.

Um necessário passo para trás: notas para fundamentação de uma hermenêutica do feminino a partir de sua relação com a psicologia, da autora Laiz Chohfi, configura uma rica contribuição para a hermenêutica do feminino na perspectiva da psicologia. Ao percorrer a literatura produzida nas últimas décadas e o modo *sui generis* de condução das pesquisas que se seguem nas escolas de psicologia no Brasil, a autora vem descrever que as principais características desse processo hermenêutico se encontram na conjugação de vários elementos, a saber, a precisão teórica, a aproximação dos fenômenos

concretos, a não-pretensão de construção de verdades absolutas e ainda a valorização do questionamento. Para a autora, a hermenêutica heideggeriana consiste em um método de análise de grande importância para a hermenêutica do feminino.

Uma leitura filosófica da obra poética de Natália Correia, poetisa portuguesa, é o objeto do texto de Vânia Duarte, *Fragmentação na unidade: uma interpretação do feminino em Natália Correia*. Na escrita feminista de Correia, opera-se uma reconfiguração da dialética pluralidade/unidade, fragmentação/conjunto na base da dialética masculino/feminino. Para a poetisa, ultrapassar o monismo repressivo da ordem simbólica masculina implica a integração da diferença feminina, na sua articulação como pluralidade de diferenças, rumo a uma “Frátria” concebida como reunificação do feminino e do masculino a partir do reconhecimento e da expressão da sua não identidade.

O que terão a ver mundos tão distantes como o de um filósofo e de uma princesa? Em *A correspondência entre a princesa Isabel da Boémia e René Descartes e a teoria das emoções*, Mendo Castro Henriques faz um estudo da conversa “improvável” entre o pai da filosofia moderna, René Descartes, e uma aristocrática que levou para o pensamento toda a sensibilidade feminina e o poder hermenêutico das emoções. A conclusão sugestiva é de que este diálogo, descoberto só recentemente, terá sido fundamental para a evolução do pensamento do representante por excelência do *esprit de géométrie*. Conduzido pelas intuições de Isabel de Boémia, Descartes teria abraçado as razões do *esprit de finesse* e superado o dualismo rígido das *Meditações* (1641).

Ainda mantendo uma perspectiva filosófica, Andreia Cristina Serrato, em *Simone Weil: uma voz feminina que desafiou o século XX*, faz um convite para percorrermos alguns aspectos da vida e obra dessa filósofa. O texto questiona a suficiência da religião para a transformação da realidade do sofrimento e opressão. A análise objetiva problematizar e viver uma espiritualidade cristã que transcenda o mero cumprimento do rito religioso. Serrato destaca, enfim, que a espiritualidade pode ser considerada um princípio ético capaz de colocar em crise posturas opressoras que destituem o ser humano de sua humanidade.

A autolegitimação da ordem patriarcal passa em medida determinante pela formulação da dicotomia feminino/masculino como uma alteridade/

complementaridade ética. Pilar deste dispositivo é a atribuição estereotipada de virtudes próprias a cada polo, nomeadamente a fidelidade como excelência moral da mulher e a coragem como prerrogativa masculina. A sutil desconstrução deste mecanismo operada por Vladimir Jankélévitch em seu *Traité des vertus* é analisada por José Manuel Beato em “*Le masculin et le féminin*”: o propósito de um capítulo insólito do *Traité des Vertus*, de Vladimir Jankélévitch. Para o filósofo francês, é essencial ultrapassar a falsa “alternativa” entre virtudes masculinas e femininas e abraçar uma perspectiva não disjuntiva de “humano integral”, cuja fonte e dinamizador primário é o amor, a categoria ética em que se identifica o núcleo unitário de todas as virtudes.

Dois contributos do dossiê se debruçam sobre a escrita da grande autora brasileira Clarice Lispector. Em *Clarice Lispector: escrita e silêncio*, Rodrigo Araújo reconstrói a interdependência poética e hermenêutica que as categorias de margem e silêncio ganham na obra de Lispector, abrindo nela um lugar de alteridade que desestabiliza violentamente o papel tradicional do autor e constrói o reconhecimento do seu cariz feminino. Marginalidade e silêncio são qualificadores tradicionais da condição da mulher. Pondo-os no centro da sua escrita, Lispector não se limita a tematizar o feminino, mas torna-o código expressivo, fazendo da própria obra um extraordinário laboratório de exploração e redefinição do humano.

E é precisamente na luz desta operação hermenêutica fundamental que Maria Clara Bingemer, em *GH: o feminino como mediação hermenêutica do gênero humano*, lê a obra prima de Clarice Lispector, *A paixão segundo G. H.*, como reconstrução de um percurso kenótico e místico de libertação da própria identidade feminina. Emancipando-se gradualmente dos clichês associados à própria identidade social de mulher burguesa, a protagonista se imerge numa experiência interior de grande envergadura espiritual. No despir progressivo de todas as “máscaras” convencionais, a mulher sem nome desta paixão secular, mas cheia de transcendência, é restituída à própria nudez originária de membro do gênero humano, no qual a vida se manifesta como poder impessoal e despersonalizador, que promove a redescoberta do ser no eu, do outro no mesmo.

Dois trabalhos do dossiê abordam a mística medieval por meio da perspectiva feminina. Um contributo importante emerge em *Mística, teologia*

e poesia na voz de mulheres: o protagonismo feminino na mística medieval, de Ceci Maria Costa Baptista Mariani, que procura tematizar o problema da possibilidade de se caracterizar uma mística no feminino. Esse artigo, por meio de uma pesquisa bibliográfica nos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião no Brasil, procura tratar o protagonismo da mulher na mística medieval, mais precisamente, para a mística no período da Idade Média, elegendo os trabalhos dedicados às obras de beguinhas, consideradas maiores, a saber, Hadewijch de Antuérpia, Mechthild de Magdeburg e Marguerite Porete.

Outro contributo vem do artigo de Maria José Caldeira do Amaral, Alex Villas Boas e Luís Gabriel Provinciatto, que tomam como ponto de partida para a sua reflexão a figura de Hadewijch da Antuérpia. A extraordinária capacidade de diálogo com os pensadores do patrimônio medieval cristão e a erudição de Hadewijch oferece à sua obra a possibilidade de uma hermenêutica feminina do Amor, a *Minne* medieval que sustenta uma vida de ser Deus com Deus. Para abordar fenomenologicamente a experiência mística de Hadewijch, estes três autores fazem uso dos *Fundamentos filosóficos da mística medieval* (1919/1920), do filósofo alemão Martin Heidegger. Considera-se que a indagação filosófica de Hadewijch a Heidegger está implícita em sua experiência humana com Deus, como aquela que é origem do próprio filosofar porque ela enfrenta a derrota da razão nesse empreendimento poético, visionário e epistolar. Os autores abordam a mística de Hadewijch da Antuérpia, analisando com primorosa maestria seus poemas e suas cartas. Nesse estudo, por um lado, entende-se por que a mística medieval é considerada o contraponto da Escolástica e uma crítica à ciência da época. Por outro, entende-se a centralidade do *Cântico dos cânticos* como eixo central da inspiração para a poesia mística, bem como para o Amor, o desejo ao bem, o Amor que deseja amor. Justifica-se, portanto o título do artigo: *É desse Amor que eu sofro. Hermenêutica feminina da experiência mística — a Minne Medieval em Hadewijch da Antuérpia*.

Dois artigos estão dedicados a Edith Stein, filósofa e mística do século XX. Em *Vestígios da trajetória de Edith Stein rumo ao Carmelo*, Renato Kirchner apresenta a figura de Edith Stein (1891-1942) na sua riqueza espiritual e intelectual, uma figura construída no contato com as várias tradições e carismas religiosos: o judaísmo, o protestantismo, a espiritualidade inaciana, a

beneditina, a dominicana, dentre outras. A sua proposta é acompanhar Edith Stein a partir de seus próprios relatos autobiográficos, oferecendo ao público, ao final de seu estudo, a tradução de duas composições poéticas de Stein.

O contributo de Clelia Peretti dá continuidade a esta reflexão, debatendo a mística proposta como *O toque inefável de Deus na alma-da-alma: reflexões sobre a mística em Edith Stein*, a respeito de suas análises fenomenológicas da mística carmelita. Na sua perspectiva, Edith Stein utiliza um método de análise dos símbolos místicos que é muito parecido com a clarificação fenomenológica que havia aprendido diretamente com Edmund Husserl. Em seu artigo, Peretti nos diz que a mística de Edith Stein não apenas reflete sobre a experiência de grandes nomes cristãos como Dionísio, Agostinho, Teresa e João da Cruz, mas é, antes, uma realidade própria, vivida, testemunhada e documentada, sobretudo em suas cartas, que se constituem verdadeiros testemunhos de uma vida interior rica, radicada na fé e na experiência do abandono às mãos de Deus.

Bruno Pinto de Albuquerque e Denise Maurano, em *Feminino e mística: ressonâncias trágicas e barrocas do que ultrapassa o fio das palavras*, apresentam aspectos centrais do percurso da psicanálise, em especial daquela desenvolvida por Jacques Lacan, em sua articulação entre o feminino e a experiência mística. Além disso, fazem aproximações com a tragédia e o barroco com vistas a mostrar como a psicanálise, sobretudo de orientação lacaniana, amplia a concepção de feminino para além de uma posição na partilha dos sexos e além da divisão sexual.

No artigo intitulado *Elisabeth Schüssler Fiorenza: uma hermenêutica feminista crítica*, Fernanda Henriques faz uma análise das principais contribuições exegéticas dessa teóloga, cujo pensamento tem sido marcado pela ausência e desqualificação das mulheres e do feminino. A interpretação do texto sagrado muitas vezes tem um cariz patriarcal e machista. Fernanda Henriques percorre a hermenêutica feminista crítica de Fiorenza a fim de resgatar a memória das mulheres no texto bíblico e identificar no Evangelho anunciado e vivido Jesus Cristo sua força crítica de transformação da realidade nas comunidades cristãs. Trata-se, sem dúvida, de um texto provocativo e vocativo.

O texto de Jaci de Fátima Souza Candioto, *Hermenêutica Feminista da Suspeita como possibilidade de superação de epistemologias teológicas excludentes*, propõe-se a entender o alcance das interpretações da Sagrada Escritura e o modo como ela tem afetado negativamente a dignidade das mulheres, seja na sociedade, seja nas comunidades cristãs. Para isso, busca apontar a hermenêutica feminista da suspeita, uma das dimensões da hermenêutica teológica, como forma de leitura dos textos canônicos reconhecidos como patriarcais, a partir da qual se pode distinguir entre sua roupagem cultural e a mensagem a ser transmitida. O texto torna evidente que a novidade trazida pela hermenêutica feminista da suspeita contribui enormemente para um reposicionamento das mulheres nos textos, sejam eles bíblicos ou da tradição, tornando possível devolver às mulheres sua visibilidade e seu papel nesses contextos do passado para que sirvam de escudo no enfrentamento das desigualdades e invisibilidades do presente.

O dossiê conta ainda com o primoroso texto de Teresa Toldy, *Quando os subalternos falam das subalternas*, que pretende ensaiar uma crítica ao discurso da Igreja Católica acerca das mulheres à luz do conceito de subalternidade proposto por Gayatri Chakravorty Spivak. O propósito principal de seu artigo é identificar o silenciamento das vozes das subalternas através da sua ausência discursiva. Trata ainda da representação/substituição dessas mesmas vozes por um discurso não-subalterno, prescritivo dos papéis sociais das mulheres de acordo com os documentos do Vaticano.

Em *Cuidar dos outros, cuidar de Deus: o testemunho de Etty Hillesum*, de autoria de Maria Luísa Ribeiro Ferreira, é apresentada uma reflexão sobre a ética do cuidado a partir do testemunho dessa grande mística judia que viveu os horrores do Holocausto, durante a Segunda Guerra Mundial, junto a milhares de outras pessoas. Ao perscrutar suas cartas e diário, Ferreira identifica seu itinerário de vida desconcertante em um contexto hostil e desumano, propondo repensar o cuidado como uma dimensão identificadora do humano a partir da evolução da trajetória de Etty Hillesum, de um cuidado inicialmente terapêutico à sua vivência como plenitude espiritual.

Juan José Tamayo-Acosta em *Principios de una hermenéutica feminista interreligiosa* objetiva oferecer princípios norteadores de e para uma hermenêutica feminista comuns aos três monoteísmos ocidentais — judaísmo,

cristianismo e islamismo — numa tentativa de superar não só o fundamentalismo, mas também o patriarcalismo e o colonialismo. Para tanto, Tamayo-Acosta vai em direção aos textos fundantes das três tradições, justamente aqueles que serviram de base para a organização, disciplina, moral e doutrina teológica destas três tradições religiosas.

Mulher, este é o teu emblema da vergonha: quando a mulher é objeto, mas não co-sujeito da jurisdição social e religiosa, de Teresa Bartolomei, tem como escopo a crítica contundente ao patriarcalismo nas práticas institucionais, especialmente na Igreja Católica. Para a autora, não somente as mulheres, como também o conjunto da sociedade sofre os prejuízos da discriminação. Suas críticas têm como referência o romance *A Letra Escarlata* (1850), de Nathaniel Hawthorne, que, embora escrito em meados do século XIX, salienta as consequências existencialmente destrutivas de uma sociedade patriarcal e de uma Igreja clerical nas quais a mulher é expulsa do espaço público como sujeito, sendo nele acolhida unicamente como sujeita a uma normatividade estabelecida exclusivamente pelo homem, sempre que é objetivada como transgressora dessa normatividade.

O contributo de Luísa Maria Almendra aborda a questão da visibilidade e invisibilidade do feminino na Bíblia, debatendo os diferentes matizes que lhe são inerentes. No artigo *Visibilidade e invisibilidade: Interseções literárias do feminino na Bíblia*, a autora procura uma verdade e uma redescoberta de uma estratégia literária bíblica que seja integradora e ampla. Conforme por ela mesmo apontado, há a necessidade de se abrir a um determinado tipo de visibilidade negativa frente a outra positiva, que a amplie e questione, redescobrando uma surpreendente invisibilidade do feminino. De igual modo, é necessário desenvolver um novo olhar sobre a própria visibilidade do feminino na Bíblia, destacando que toda e qualquer reflexão deve se abrir à dimensão invisível de um agir sábio, que é participação no mistério inscrito na própria criação do ser humano.

Encerra o dossiê o artigo de Phyllis Zagano e Bernhard Pottier, *Mulheres diáconos: questões históricas e atuais*, publicado originalmente em francês (*Laval théologique et philosophique*, v. 74, n. 3, 2018) e, posteriormente, em inglês (*Asian Horizons*, v. 13, n. 4, 2019), tendo sido traduzido para o português pelos professores Alex Villas Boas e Luís Gabriel Provinciatto. No presente

artigo, Zagano e Pottier trazem sua experiência de membros da Comissão para o Estudo do Diaconato Feminino e, com isso, a tentativa de responder à questão sobre o que sabemos a respeito das mulheres diáconos. Fazendo referência à ampla evidência literária, epigráfica e histórica do ministério diaconal feminino no Ocidente e no Oriente, o texto coloca e busca responder três questões: primeiro, aquela que pergunta sobre o que sabemos a respeito das cerimônias litúrgicas em que os bispos criaram o diaconato feminino; segundo, aquela sobre o que sabemos das tarefas e deveres dos diáconos; por fim, aquela sobre o que sabemos a respeito da teologia do diaconato que admitiria ou restringiria as mulheres da ordenação diaconal. A pesquisa apresentada por Zagano e Pottier, sem dúvida, contribui para entender essa questão que estão em voga no interior da Igreja Católica Apóstica Romana nos tempos hodiernos.

Desejamos uma boa leitura!

CECI MARIA COSTA BAPTISTA MARIANI^a

JACI DE FÁTIMA SOUZA CANDIOTTO^b

LUÍSA MARIA ALMENDRA^c

TERESA BARTOLOMEI^d

Referências

HENRIQUES, F. *Filosofia e género: outras narrativas sobre a tradição ocidental*. Lisboa: Edições Colibri, 2016.

^a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Campinas, SP, Brasil. Doutora em Ciências da Religião, e-mail: cecibmariani@gmail.com

^b Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil. Doutora em Teologia, e-mail: j.candiotto@pucpr.br

^c Universidade Católica Portuguesa (UCP), Lisboa, Portugal. Doutora em Teologia, e-mail: luisa.almendra@ucp.pt

^d Universidade Católica Portuguesa (UCP), Lisboa, Portugal. Doutora em Teoria da Literatura, e-mail: tbvv@newes.eu

JOHNSON, E. A. *Aquela que É: O mistério de Deus no trabalho teológico feminino*. Petrópolis: Vozes, 1995.

KHEL, M. R. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2016.

MARIANI, C. M. C. B.; KIRCHNER, R. Espírito Santo como Caridade: feminino na Trindade? *In: Anais...* Belo Horizonte: Soter, 2016. p. 512-518.

WODTKE-WERNER, V. Heiliger Geist oder Heilige Geistin im Trinitätsfresko von Urschalling? *In: MOLTSMANN-WENDEL, E. (ed.). Die Weiblichkeit Des Heiligen Geites. Studien zur Feministischen Theologie*. Chr. Kaiser: Gütersloher Verlagshaus, 1995.